

A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE: UMA TRAJETÓRIA DE ENFRENTAMENTO.

Waldyr Lins de Castro
Paulo Antonio Cresciulo de Almeida

RESUMO

Este estudo narra a trajetória da luta contra hegemônica que vem sendo desenvolvida pelos professores do atual Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense desde sua criação no ano de 1975. Tendo como principal foco o choque de concepções que norteiam o nosso curso de licenciatura e a dos alunos que nele ingressam.

Palavras chave: educação física, licenciatura e contra hegemonia.

ABSTRACT

This study tells the story against the hegemonic conceptions that have being developed by the teachers of the Institute of physical education of Federal Fluminense University since its creation in 1975. The main focus of the study is the clash between the conceptions which guides our under graduated course and those of the student.

Key words: Physical education, undergraduate course, counter hegemonic movement.

RESUMEN

Esto estudio cuenta la historia de la lucha contra las concepciones hegemónica que vienen siendo desarrolladas por los profesores del Instituto de Educación Física de la Universidad Federal Fluminense desde su creación el en año de 1975. El principal foco desee trabajo es el choque entre las concepciones que norlean el nuestro corzo de formación de profesores e estas de los estudiantes.

Palabras llaves: Educación física, graduación, contra la hegemonía.

Introdução

Um dos maiores obstáculos a ser transposto no embate contra a lógica hegemônica imposta pela classe dominante é o enfrentamento incipiente à consolidação dos princípios balizadores dessa lógica. A queda do muro de Berlim, o fim da Guerra Fria, as alegações sobre fim da história e das utopias arrefeceram a luta transmitindo a desesperança, incorporada pela propaganda da inexorabilidade.

As iniciativas de contraposição ao modelo hegemônico são opções cujo sucesso só é conseguido com muita luta. Isto se dá, pela dificuldade que temos de desmascarar os conceitos que são estabelecidos pela ideologia e passam a fazer parte do senso comum.

Este texto tem como objetivo provocar uma reflexão à cerca das dificuldades que vêm sendo vivenciadas no processo de implantação do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense. O embate de opiniões contra e a

favor do modelo hegemônico e a alternativa por nós proposta também se deu e ainda se dá no interior do próprio corpo docente. Nos primeiros anos de vida da então Coordenação de Educação Física da UFF, a idéia predominante era que já havia cursos de Educação Física em número suficiente no Grande Rio e que por esse motivo deveríamos ter como objetivo a criação da pós-graduação e não a graduação. Posteriormente essa opinião deixou de prevalecer, e nos anos que se seguiram duas comissões foram formadas com o objetivo de elaborar uma proposta que viesse dar origem a mais um curso de graduação em nossa área. Todavia, as opiniões eram bastante divergentes e as comissões não chegaram a conclusões que possibilitassem a criação do curso. Somente na formação da terceira comissão, quando o corpo docente do departamento chegou a um consenso, fomos, finalmente, capazes de criar o curso.

O embate, todavia, ainda não terminou. Um exemplo é a discussão que ora realizamos sobre o tempo que devemos dedicar em nossas aulas ao ensino dos fundamentos. Embora na proposta do curso esteja dito que privilegiaríamos o ensino através de jogos e estratégias e que os fundamentos ficariam em segundo plano, alguns professores têm contestado essa orientação. Entendemos que essa discussão, na verdade, não se dá por causa do método de ensino pelo qual faremos a opção, mas sim pela importância que alguns professores atribuem à técnica, considerando ainda que só através dos fundamentos sejamos capazes de ensinar a técnica de maneira adequada. Embora os que fazem esse questionamento seja minoria, temos procurado trazer o assunto para debate.

A luta pela manutenção dos objetivos estabelecidos no projeto pedagógico tem sido uma constante no desenvolvimento do curso. Consideramos que a firmeza na condução do processo e a inflexibilidade de princípios básicos são decisivas para a sustentação dos rumos traçados em projetos contra hegemônicos como esse. Essa tem sido a tônica do trabalho político-acadêmico desenvolvido pelo corpo docente dessa Instituição.

O histórico

Os professores do departamento de Educação Física da Universidade Federal Fluminense, desde a sua fundação em 1975 vêm fazendo um movimento contra hegemônico, no que diz respeito à implantação das propostas construídas para a área. Durante estes trinta e três anos vimos lutando por uma Educação Física crítica, inclusiva, pública e gratuita.

A ideologia enquanto mascaramento da realidade dissemina as concepções, e comportamentos como se estas fossem as únicas e verdadeiras (CHAUÍ, 1990). Essas concepções e comportamentos adotados pela população, em geral, se tornam parte do senso comum, sem que sejam examinadas e criticadas. A Educação Física é uma área de conhecimento que está impregnada pelas concepções de senso comum, sobretudo no que concerne o esporte e a estética corporal.

Numa sociedade constituída de classes como a brasileira a ideologia tem o papel de atenuar os conflitos entre as classes com fito de manter a ordem e a estabilidade do sistema (CHAUÍ, 1990). Portanto, os movimentos contrários são vistos enquanto uma ameaça ao sistema que têm que manter seu equilíbrio, por esse motivo as opiniões contrárias são negadas, rechaçadas e os seus autores sempre que possível, punidos.

A mídia diariamente exalta os feitos de atletas que apesar de serem filhos de pais pobres, de terem passado fome e de caminharem quilômetros para treinar venceram graças à persistência e a garra. Transformados em heróis pela mídia esses jovens têm

suas jogadas e gols enaltecidos sendo a todo o momento realçado o que fazem por nossos times ou país. A mensagem que fica é que para ser bom atleta é preciso ter vontade, disposição e treinar. Portanto, todos que quiserem serão atletas. Ser atleta passa a ser algo que está ao alcance de qualquer membro da sociedade independentemente de seu potencial e da classe a qual pertença. O atleta ganha nesse processo uma enorme importância e conseqüentemente suas declarações. Nos jornais podemos ler manchetes como a que é atribuída a uma declaração do jogador Adriano a quem a mídia atribui o cognome de Imperador – “Sou mais feliz na favela do que na Itália” (Jornal O Globo de 10 de abril de 2009). Uma declaração como essa faz pelo menos durante algum tempo com que muitos moradores de favelas se sintam confortáveis de ali morar. A mídia estampa essa manchete sem se preocupar em analisar criticamente o que foi dito. O que importa é chamar atenção, vender o jornal e reforçar as concepções que dão sustentação ao sistema.

Considerando a importância que a sociedade, em geral, atribui ao atleta o que predomina é o modelo de esporte de competição. Contrariar as idéias dominantes na sociedade é sem dúvida uma tarefa hercúlea que temos enfrentado apesar das barreiras a serem transpostas.

A lei 69450/71 que orientava a implantação da Educação Física obrigatória em todos os níveis de ensino tinha como objetivo o desenvolvimento da aptidão física através da prática desportiva. Num encontro organizado pelo Departamento de Educação Física da Universidade Federal Fluminense no ano de 1976 pudemos perceber que as universidades presentes entendiam que o objetivo dessa disciplina era a formação de equipes representativas dos vários esportes. Um dos principais objetivos dessas Instituições era a participação nos jogos Universitários, aos quais o governo ditatorial atribuída uma grande importância. A proposta desenvolvida na UFF era voltada para o ensino dos esportes para todos e não exclusivamente para o treinamento dos atletas. (CASTRO, 2005)

A aqueles que quisessem participar de competições também não era negado esse direito, pois organizávamos competições internas que envolviam cerca de 1500 alunos. Entendíamos que os eventos organizados pela Federação e Confederação de Esportes Universitários na verdade reproduziam as competições de atletas federados e os universitários eram na sua maioria delas excluídos.

Registra-se que por essa opção política o Departamento de Educação Física da UFF sofreu pressões e ataques incisivos da Federação de Esportes Universitários do Estado do Rio de Janeiro.

Numa carta ofício enviada ao Magnífico reitor da Universidade Federal Fluminense, em 1979, o então presidente da Federação de Esportes Universitários do Rio de Janeiro Benedicto Cícero Tortelli, nos acusava de: “estarmos deitados na sombra do boi”. Tortelli acrescentava ainda que seria uma “tristeza para os alunos da UFF não poderem participar dos eventos esportivos universitários por absoluta incompetência de seus professores, que existem e recebem dos cofres públicos federal, porque eles, alunos, existem e lhes dão campo de trabalho” (*sic*). A carta, em nosso poder, contém ainda uma série de outras acusações através das quais Tortelli procura demonstrar a sua preocupação com os alunos da UFF que se viam privados de participar dos campeonatos Universitários. Todavia a nossa interpretação é que embora Tortelli se refira aos alunos, o que ele estava de fato preocupado era com ônus político de uma das maiores Universidades do país ter um posicionamento contrário a participação nos jogos da Federação Universitária.

Entretanto, a convicção de que essa resistência refletia uma concepção acertada de Educação Física para a Universidade, levou os professores da UFF a continuarem sua trajetória acadêmica já delineada por suas ações político-pedagógicas.

A proposta, inovadora para aquela época, não era fácil de ser desenvolvida, pois os professores selecionados para participar desse projeto traziam consigo a concepção de formar atletas e não de ensinar a pessoas comuns. Era preciso, portanto, incorporar essa nova concepção e elaborar uma metodologia que se adequasse a esse novo propósito.

Provavelmente em ritmos diferenciados, a proposta foi gradativamente sendo assimilada. Com relação ao método fomos entendendo que o uso dos fundamentos comumente utilizados, indefinidamente, no ensino dos esportes deveria ter como objetivo apenas preparar os alunos para se tornarem aptos a jogar e tirar prazer do jogo. O aperfeiçoamento sem fim não era o nosso objetivo. O jogo e o prazer em participar passaram a ser priorizados.

Foram essas convicções que fundamentaram o Departamento de Educação Física, a partir de debates e reflexões coletivas, implementar, em 1988, os chamados “Objetivos para a Educação Física na Universidade Federal Fluminense” (LAPA et al, 1996)¹.

Esse texto aponta os princípios balizadores da atividade física curricular na UFF. A proposta para a Prática Desportiva é reformulada se contrapondo mais uma vez à lógica do modelo hegemônico

O aprimoramento da condição física foi mantido como finalidade dessa prática, porém numa visão de corporeidade e qualidade de vida, deixando para trás o conceito positivista de aptidão física (SOARES, 1994: p. 62)

Nessa linha de pensamento, alguns objetivos foram traçados e passaram a nortear a Prática Desportiva na UFF. Além da própria aptidão física as atividades visavam: provocar uma reflexão crítica sobre os padrões de estética corporal, propiciar momentos de vivências de atividades de lazer, promover a interação entre os participantes e, finalmente proporcionar aos alunos da instituição uma educação para autonomia.

Apesar de todas essas ações transformadoras, a Prática Desportiva continuava obrigatória, na UFF. Esse ranço herdado dos militares da ditadura incomodava consideravelmente um grupo de professores lotados no Departamento de Educação Física. Esse era um tema que já permeava discussões em algumas instituições em nível nacional.

O Ministério de Educação e Cultura decide, então, abrir essa discussão e cria, em 1989, uma Comissão Nacional composta por professores de Educação Física do Ensino Superior que deveria centralizar o debate e formular sugestões a respeito ².

Esta Comissão fundamentou suas ações na lógica corporativa e elaborou textos nessa linha, entendendo que devesse prevalecer, prioritariamente, a defesa de mercado de trabalho.

Na contra mão desses encaminhamentos que eram feitos a nível nacional, a plenária do nosso departamento após deliberação em 1992, encaminhou para os Conselhos Superiores a solicitação de suspensão da Obrigatoriedade da Prática Desportiva na Universidade Federal Fluminense. Tal indicação, que foi aprovada no

¹ Embora os Objetivos tenham sido definidos em 1988, o documento foi publicado em 1996.

² Uma portaria Ministerial nomeou professores dessas Instituições Públicas e Privadas procurando contemplar critérios regionais.

Conselho Universitário sob a Resolução 154/92 depois de tramitar em todas as instâncias, mereceu do relator do processo no Conselho do Centro de Estudos Gerais, considerações registrando o desprendimento corporativo dos professores do departamento de Educação Física.

Este ato, muito mais político do que pedagógico, sinaliza a significativa mudança de rumos na atuação acadêmica do conjunto do Departamento de Educação Física. A Prática Desportiva deixar de ser obrigatória e passar a ser facultativa, significava a substituição da arbitrariedade e do autoritarismo pela prática democrática, que oportunizava a liberdade de escolha.

Uma outra preocupação do Departamento de Educação Física da UFF tem sido o desenvolvimento da atividade na rede escolar. A Escola é provavelmente a única oportunidade para a grande maioria de a população ter contato com a Educação Física. Com base nesta premissa decidimos criar no ano de 1989 um curso de pós-graduação na área de Educação Física Escolar em nível de lato Sensu. A intenção era mais uma vez atender aqueles que mais necessitam da Educação Física, pois privilegiando esse segmento teríamos a oportunidade de expor aqueles professores a uma concepção crítica da Educação Física.

No ano de 1989 criamos um curso de pós-graduação em nível de lato sensu voltado para a Educação Física da Escola. A intenção era atender mais uma vez aqueles que mais necessitam da Educação Física na instituição onde essa oportunidade talvez seja a única para a grande maioria da nossa população. A concepção que desenvolvemos na Prática Desportiva nos forneceu princípios orientadores como o da participação de todos e a não priorização da participação em campeonatos. Hoje, estamos desenvolvendo o XX curso e o nosso principal parâmetro tem sido o desenvolvimento da capacidade de reflexão dos alunos.

Dando prosseguimento a linha de conhecimento voltada para a Educação Física na Escola, criamos a revista “Perspectivas em Educação Física Escolar” e “Encontro Fluminense de Educação Física Escolar”. Publicamos três números da revista que por uma série de dificuldades está suspensa. Quanto ao Encontro – EnFEFE - doze edições já foram realizadas. Esse evento vem se consolidando como um importante evento científico na área de Educação Física voltada para a Escola.

Por concepção de sua plenária departamental e contrariando a tendência das Instituições Públicas de Ensino, todas as atividades foram e permanecem gratuitas. Resistindo à onda privatista que se propaga pela Universidade Federal Fluminense não são cobradas taxas, mensalidades ou “investimentos” para o Curso de Educação Física Escolar, para o EnFEFE ou para as atividades de Extensão. A concepção do “público” se materializa conforme concepção de que “... público é o que é de todos e para todos e apresenta-se por sua formulação histórica, em oposição ao privado.” (XAVIER, 2006).

Esta vivência coletiva e a experiência acumulada durante décadas nos permitiram finalmente criar um curso de licenciatura.

Possíveis parâmetros causadores de conflito...

Nesse ponto do estudo procuraremos elencar alguns parâmetros que orientam o curso procurando focar os pontos que entendemos ser os que entram em choque com a concepção de Educação Física que os alunos têm, e na qual eles se basearam para procurar o curso.

Antes de pensarmos o professor de Educação Física projetamos o educador, o formador. Alguém que seja capaz de identificar os problemas e de procurar soluções

contextualizando-as historicamente. Um dos nossos principais objetivos é formar professores que tenham uma boa capacidade de reflexão, de análise e de crítica. Nesse sentido temos procurado dar uma formação aos nossos alunos que extrapolem os conteúdos específicos da Educação Física. Além das disciplinas da área humana que são cursadas em outras Unidades procuramos complementar o rol inserindo outras disciplinas que contribuem para a formação geral como as Oficinas de Formação Cultural; de Linguagens e Técnicas Áudio Visuais e Leitura e Elaboração de textos I e II.

A disciplina *O corpo no mundo* procura transmitir a idéia da necessidade de vermos o corpo de maneira contextualizada. Indicando que a atenção com o corpo não deve ficar restrita as aulas de Educação Física, mas que ele deve ser pensado enquanto trabalhando, lutando, amando, enfim vivendo. Embora essa disciplina expresse no seu nome a idéia da contextualização essa não é uma prerrogativa exclusiva dela, todas as outras devem cumprir papel semelhante.

Mesmo as disciplinas que são consideradas enquanto específicas da Educação Física tem como proposta uma abordagem contextualizada e crítica.

Os esportes têm sido, sem dúvida, o instrumento mais utilizado pela Educação Física, todavia no nosso entender, de maneira equivocada, pois têm como objetivo quase que exclusivo a formação de atletas e a conseqüente valorização do aperfeiçoamento máximo da técnica. Esse método de ensino dos esportes é frequentemente generalizado como se fosse o único. Como o nosso objetivo é ensinar os esportes com fim educativo, procurando realçar suas características lúdicas, procuramos minimizar a importância da técnica até mesmo quando criamos os nomes das disciplinas. Nesse rol, incluímos *Esporte Jogo I, II, III e IV*. Entendemos que grupando os esportes diminuiremos a importância do aperfeiçoamento técnico, pois com a carga horária disponível para uma disciplina desenvolvemos vários esportes³. O acréscimo da palavra jogo ao lado do termo esporte tem como objetivo dizer que o esporte deve ter um caráter lúdico. Tivemos uma atitude semelhante com relação às disciplinas *Atividades aquáticas* em substituição a natação, A mesma lógica foi utilizada para criar a disciplina Lutas. As lutas são, em geral, ensinadas separadamente de forma a caracterizar cada luta enquanto uma disciplina.

No lugar das ginásticas com fins estéticos ou saúde que convencionalmente fazem parte do currículo dos cursos de Educação Física incluímos a disciplina *Promoção da saúde*. Entendemos que as aulas de ginástica, que ensinam os alunos a reproduzir gestos, não deveriam ter lugar em nosso currículo, pois consideramos que quem tem os conhecimentos básicos da fisiologia do exercício, da biomecânica e conhece os conceitos que fundamentam as possibilidades de uso do exercício físico não teriam problema de dar aulas de ginástica.

Em todas as disciplinas procuramos analisar criticamente temas candentes como esporte de alto nível e a estética corporal.

As nossas aulas são desenvolvidas com base numa metodologia que seja capaz de ajudar ensinar os conteúdos que selecionamos de maneira lúdica e por estratégias. Utilizamos pouco material e as nossas instalações, embora suficientes, são bastante simples. Valemos-nos freqüentemente de improvisações e da construção de materiais alternativos. Entendemos que dessa forma estaremos preparando os alunos para a realidade que irão encontrar quando forem trabalhar nas escolas.

³ Grupando vários esportes numa só disciplina também estaremos contribuindo para ampliar o leque das modalidades esportivas para além do Futsal, Basquetebol, Voleibol e Handebol.

Consideramos que a preparar os alunos para a realidade não significa, todavia, conformismo, pois também é nosso objetivo educá-los para que reivindiquem. Trabalhamos com a idéia do real, mas procurando politizar os alunos para que lutem pelo ideal.

Os conflitos...

Durante anos os professores do Departamento de Educação Física da UFF conviveram com o *compromisso* da criação desse curso de graduação na área. Seguidas gestões da administração da Instituição sugeriam essa iniciativa se justificando nas necessidades regionais e no clamor da sociedade de Niterói. As necessidades, obviamente, seriam as demandas do mercado de trabalho, além de interesses fisiológicos.

Ao longo do processo de elaboração do projeto, do trâmite administrativo e das discussões nos espaços deliberativos da Universidade já se percebia a divergência de concepções a cerca de um curso superior de educação física. Enquanto o coletivo do departamento pensava um curso de licenciatura, seus interlocutores raciocinavam o bacharelado na área.

A clara opção pela educação pública e a credibilidade adquirida com o Curso de Pós Graduação em Educação Física Escolar deram a sustentação necessária para a aprovação do curso de licenciatura em todas as instâncias, muito embora a polêmica tenha se instalado em vários momentos. A assimilação da proposta pedagógica desse curso, entretanto, não significou a adesão incondicional da Instituição ao modelo, como veremos mais à frente.

A chegada dos alunos e os primeiros contatos deles com as idéias do curso tem sido significativos no embate com as concepções do senso comum. Embora haja a prévia divulgação⁴ dos princípios norteadores, dos pressupostos pedagógicos e do caráter exclusivo de licenciatura, a grande maioria dos calouros se apresenta com a expectativa de encontrar uma educação física voltada para as academias, para os esportes de competição e mais especificamente, para a formação de técnicos esportivos. Esse choque de conceitos é sentido em todas as disciplinas do primeiro semestre letivo e é citado como uma das dificuldades a serem superadas pelos professores. A desconfiança e a rejeição inicial aos conceitos que adotamos têm sido constantes nas relações professor-aluno, nos períodos iniciais. O desencontro tem provocado interessantes debates, mas também desapontamento e evasões. A primeira turma, por exemplo, perdeu cerca de 40% de seus matriculados. Todavia é gratificante observar que alunos que entendem os princípios pedagógicos do curso incorporam a sua defesa.

A visão reduzida e pragmática, trazida por essa amostra da sociedade, pode ser explicada pelo perfil historicamente materializado sobre a educação física. Isso se deve ao fato das faculdades de educação física em todo o Brasil ofertarem à sociedade milhares de professores reprodutores desse modelo. Conseqüência disso é a visão restrita e focalizada do papel da educação física na escola. Fazer a desconstrução disso é muito difícil, até porque componentes poderosos de nossa sociedade contribuem para a manutenção desses valores.

⁴ Nas publicações referentes ao Concurso Vestibular da UFF e no Portal do GEF, estão divulgados os princípios balizadores do Currículo do Curso de Licenciatura.

O poder público, a gestão escolar – pública ou privada – a mídia e o polêmico Conselho Regional têm sido decisivos para a aparente invulnerabilidade do estigma que a educação física consolidou ao longo da história brasileira.

Embora as, ainda recentes, Diretrizes Curriculares e os Parâmetros Curriculares Nacionais tragam concepções críticas e epistemológicas em alguns momentos, o que vimos historicamente estimuladas na educação física escolar, pelas esferas governamentais, foram as competições estudantis. Ainda não houve tempo histórico para se apagar os efeitos dos Jogos Estudantis Estaduais e sua culminância, os Jogos Estudantis Brasileiros – JEBs. Muitos professores que hoje atuam nas redes escolares são oriundos dessa época e ainda estimulam, nas aulas curriculares, a iniciação desportiva com objetivos competitivos.

Esses contornos da educação física foram assumidos pelas administrações escolares de tal forma, que as direções, genericamente, vêm com suspeição trabalhos pedagógicos não *convencionais*.

Outro fator determinante para a materialização dessa visão monolítica da educação física na escola, foi e tem sido os meios de comunicação de massa. É sabido por todos que eles estão a serviço da elite dominante e, portanto, têm função definida neste modelo político em que vivemos. Com a nossa atividade não é diferente.

BETTI (2004) nos chama a atenção para as relações estabelecidas entre corpo, cultura, mídia e educação física. Segundo o autor, há um processo para fixação de um modelo que atenda a lógica mercantil.

Concordando com essa tese, avaliamos que a busca pelos estereótipos de beleza corporal ditados pelo mercado e a ratificação dos esportes de competição são conseqüências dessa lógica.

Desta maneira se torna normal que o aluno procure num curso de educação física, capacitação para que possa entrar no mercado de trabalho e atender aos anseios da sociedade. O que justificaria a busca pelo viés do trabalho nas academias e das iniciações esportivas.

A valorização das competições esportivas, a projeção de ídolos, a transmissão da crença de uma eventual ascensão social ou do pretense papel redentor do esporte propagado pela máquina midiática são determinantes para que o aluno chegue à UFF com a concepção oposta à do projeto pedagógico do curso de licenciatura. Se junta a isso a culpabilização da escola pelos fracassos olímpicos. Em ação conjunta, houve-se a sentença do Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman, que credita aos professores da educação física escolar os inexpressivos resultados olímpicos ou pan-americanos, diagnóstico este reforçado pelos brados indignados de Galvão Bueno, “*o porta voz da Rede Globo para assuntos esportivos*”. Essa associação do esporte de rendimento com a educação física escolar corrobora para solidificar esta tese.

Focalizando este viés, é oportuno retomar as iniciativas da Universidade Federal Fluminense que, por meio da Pro Reitoria de Assuntos Acadêmicos, ignorando as concepções do curso de licenciatura da Universidade e lança o UFFesporte, um programa que destina verbas públicas para que atletas e equipes possam participar de competições nacionais de esportes de rendimento. Não é difícil imaginar as contradições que emergem desse procedimento.

Entendemos como sendo compreensíveis as incoerências que surgem em decorrência de embates dessa natureza. O que se aponta é, como a falta deliberada de sintonia entre a administração institucional e o departamento da área, prejudica a condução pedagógica do curso de licenciatura em educação física.

Essa associação do esporte de alto rendimento com a educação física tem dificultado os diálogos iniciais entre o curso e seus alunos, que nutrem a expectativa de encontrar nos espaços da UFF ambientes e instalações favoráveis para *suas* práticas esportivas.

Outro obstáculo a ser transposto pelo coletivo tem sido a despolitização da sociedade no trato das relações esporte e poder. Na esteira desse debate, é conveniente lembrar alguns aspectos relevantes que acabam por justificar determinadas tendências apresentadas pelos calouros da educação física da UFF.

PENNA (2008), ao refletir sobre práticas corporais e senso comum, chama a atenção para o natural processo de alienação a que são submetidos os homens na perspectiva da manutenção de valores imprescindíveis para sustentar a ordem. A autora recupera Kruppa que alerta para o fato de que fatores como “espontaneidade, a probabilidade, o pragmatismo, a fé, a confiança e a generalização são necessários à socialização e à aprendizagem do homem, enquanto ser humano, *o problema está em sermos capazes de termos liberdade para rever esses procedimentos*”.

Pois bem, a ausência da visão epistemológica que permitiria entender posicionamentos críticos a respeito impede a adesão imediata aos princípios que alicerçam aquela proposta pedagógica. Negamos-nos a aceitar automaticamente a idéia da educação, e conseqüentemente a educação física enquanto instrumentos de manutenção ideológica. O desafio está em estimular a “revisão” reivindicada por Kruppa.

Ainda na esfera da politização do tema, é significativo indicar também como obstáculo a ser transposto a não percepção da desagradável influência que o reordenamento do mundo do trabalho tem exercido sobre o professor de educação física. Para atender essa demanda de adequação, a área acadêmica da educação física viveu um longo e penoso período de discussão sobre a divisão das suas atividades em ações que se enquadrariam como inerentes a licenciatura ou ao bacharelado. O professor passou a ser chamado de *profissional* e a polarização se instalou.

RIBEIRO (2008) aponta para as dificuldades que estão postas para as ações pedagógicas, neste momento de crise do capitalismo mundial. Mais especificamente aponta as contradições da educação pública e sinaliza o conflito da educação física em enfrentar a dicotomia: seus professores, na escola, são profissionais da saúde ou trabalhadores da educação? Este questionamento instaura uma crise de pertencimento que procuramos combater reafirmando nossa condição de trabalhadores da educação.

O conjunto dessas reflexões vem ratificar a necessidade de se estabelecer um diálogo incisivo com a comunidade estudantil que procura o curso de graduação em educação física, pois eles vêm impregnados por todas essas concepções do *senso comum*. Isso dificulta as primeiras abordagens conceituais que procuramos realizar se contrapondo a bagagem que eles trazem. Todavia, a firmeza de princípios e a inflexibilidade necessária neste momento de consolidação de concepções são fundamentais para a materialização da proposta pedagógica. Esta ação do coletivo do Departamento de Educação Física demarca a coerência com sua história de luta contra hegemônica e o credencia a encaminhar propostas que subvertam o estabelecido.

Segundo XAVIER (2000), é legítimo e justificável a construção pedagógica formulada por grupos e coletivos que, ao exercerem sua “autonomia em relação ao Estado e soberania em face de pressões de grupos externos”, elaboram propostas educacionais ousadas e transformadoras. Citando Castoriadis, a autora destaca a validação das ações pela inserção de todos os membros de um coletivo na busca de um modelo alternativo e democrático.

SEMERARO, (2006) ao se referir à filosofia da práxis elaborada por Gramsci, nos chama a atenção para o equívoco da suposição de que os “homens são coisas e os grupos sociais permanecem sempre passivos”. Afirmando que essa concepção denota análise superficial, o autor complementa:

“é o resultado de um preconceito que induz a crer que não existe ação política, que não há espaços de liberdade, de envolvimento “apaixonado”, de “co-participação ativa e consciente”, de criatividade e de decisões que promovem a responsabilidade e as transformações inesperadas no lugar do conformismo e de comportamentos mecânicos”(p. 26)

Nesse sentido, fica a inabalável convicção do acerto na opção pelo oferecimento, pelo Departamento de Educação Física da Universidade Federal Fluminense, exclusivamente do curso de licenciatura em Educação Física.

Referências Bibliográficas

BETTI, Mauro. *Corpo, cultura, mídias e educação física: novas relações no mundo contemporâneo*. Revista Digital, ano 10, n 79, dez 2004. Disponível em: www.efdeportes.com. Acesso em 27 dezembro, 2007

CASTRO, Waldyr. *Proposta de anteprojeto da comissão para criação de uma escola de Educação Física na UFF*. In: IX Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, 2005, Niterói. Anais...Niterói: UFF, 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. São Paulo: Cortez, 1990

COMISSÃO DE IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA UFF. *Projeto de Implantação da Educação Física e Desportiva na Universidade Federal Fluminense*. Niterói, 1975. Mimeografado.

LAPA, Ana Maria R. G. et. all. Política de Educação Física do Departamento de Educação Física e Desportos da Universidade Federal Fluminense. *Perspectivas em Educação Física Escolar*. Rio de Janeiro: Niterói, Departamento de Educação Física da UFF, nº Especial. p. 7 – 13, 1996.

SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física Raízes Europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

XAVIER, Gelta Terezinha Ramos. *Saberes sociais, saberes escolares: Dinâmicas Sociais, Cultura e Currículo*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. (Tese de Doutorado).

_____. *Democracia na Escola e Construção do Público*. *Notas de Pesquisa sobre as vivências nos CIEPS – RJ*. In: Revista Movimento. Niterói: Faculdade de Educação, UFF, 2006

PENNA, Adriana. *A Educação física escolar e as práticas corporais: para além do conhecimento do senso comum*. In: XII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, 2008, Niterói. Anais...Niterói: UFF, 2008

RIBEIRO, Jorge Augusto Correa. *A educação física e o reordenamento do mundo do trabalho: dificuldades para a ação pedagógica*. In: XII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, 2008, Niterói. Anais...Niterói: UFF, 2008.

Paulo A Cresciulo de Almeida

Av. Ary Parreiras, 399/306 – Icaraí – Niterói – RJ - CEP 24 230-320

palmeida@vm.uff.br

Waldyr Lins de Castro
Rua Min. Otávio Kelly, 467/1706 – Icaraí – Niterói – RJ – CEP 24 220-300
waldyrlins@vm.uff.br

Recurso necessário: Datashow

